

CREPÚSCULO DO CRISTIANISMO NA AMÉRICA LATINA

O crepúsculo anuncia-se no céu pela claridade entre a noite e o nascer do Sol ou entre seu ocaso e a noite, devido à dispersão da luz solar na atmosfera e em suas impurezas (Dicionário Houaiss). Há crepúsculo que aponta o desmaiar da luz para dentro da noite, há aquele que anuncia o rasgar luminoso do dia. O Cristianismo na América Latina vive essa dupla face da metáfora. De sua única fonte brotam tanto a luz como as trevas. Aquela, da presença permanente do Senhor em seu seio; estas, da fraqueza de sua história e de seus pecados.

A América Latina assiste, como aliás toda a cultura ocidental, ao crepúsculo noturno do Cristianismo, que é encoberto pela própria noite do Ocidente. A parábola que a cultura ocidental iniciou no século VI a.C. com os pré-socráticos atingiu seu ponto de inflexão mais baixo, perdendo-se nas escuridões pós-modernas. Uma leitura pessimista pára na katábasis enquanto a esperança fala-nos de possível anábasis, ora autêntica, ora falseada.

Um primeiro olhar voltar-se-á para a descida, para o crepúsculo noturno do Cristianismo, para em seguida discernir os sinais de aurora. A matriz religiosa sincrética, que alimentou sobretudo a forma católica do Cristianismo no Brasil com forte colorido africano e, nos países andinos, com toques indígenas, desfaz-se por embate das ondas secularizantes, alimen-

tadas no interior da Igreja católica pelo entusiasmo do Concílio Vaticano II. As reformas litúrgicas, o movimento bíblico, a presença do leigo da Ação Católica, os sopros renovadores da teologia moderna liberal européia e os da libertação latino-americana, as vergôntes do ensinamento social da Igreja reestruturaram o cenário eclesial tradicional religioso.

Pedro Ribeiro de Oliveira desenhou bem as constelações religiosas que formaram o universo religioso popular. A piedade devocional, o rito das promessas, a Palavra de Deus e os sacramentos. Enquanto a película original popular registrava mais nitidamente os traços da devoção e da promessa, o surto desencadeado pelos movimentos alimentadores do Concílio Vaticano II e subsequentes a ele riscava-a com os sinais da Palavra e dos sacramentos. E causou em alguns lugares um estranhamento do povo simples e devoto. Nem faltou o caso pitoresco de uma igreja no Norte do país, servida por ardorosos missionários, imbuídos da palavra desnuda e dos símbolos despojados de devoção e promessas, encontrar-se, um dia, na celebração, praticamente vazia. Tiveram os padres que arrumar sua bagagem e voltar para sua terra secularizada, antes que lá se apagasse a última vela da religiosidade.

Não fora o deslocamento dessa matriz religiosa para as igrejas neopentecostais, enchendo-as de egressos da Igreja católica, tal problema não passaria de uma simples evolução da pré-modernidade para a modernidade. A atual mudança do cenário do crescimento dos evangélicos, que dobraram em 10 anos, questiona seriamente a hemorragia religiosa de igrejas cristãs tradicionais para as igrejas autônomas.

A noite que se abate sobre o Cristianismo não só cobre essas camadas populares e extremamente pobres que se refugiam nos recintos de pastores de promessas e pedidos, mas também sombreia a concepção ministerial do Cristianismo clássico. A figura do padre e do pastor da Reforma restringe a presença ministerial dessas igrejas. As exigências de celibato obrigatório da parte católica, além de uma formação longa e freqüentemente desvinculada da cultura popular, e, da parte protestante, um clericalismo semelhante e não raro autoritário, impedem uma presença numerosa e próxima do ministro junto ao povo. O ministério ordenado transformou-se numa instituição por si mesma, burocrática e canônica, perdendo a flexibilidade do serviço. No discurso fala-se muito de serviço, mas não é ele que estrutura o ministério, antes lhe advém como um acréscimo organizado pela instituição anteriormente dada e estabelecida. Os entraves ministeriais vão desde a formação dos ministros, o celibato imposto até seu caráter fortemente funcional e autoritativo, para não dizer autoritário.

Mergulhando mais fundo no crepúsculo noturno, o Cristianismo construiu seu universo simbólico e imaginário religioso predominantemente numa cultura rural pré-moderna. A maioria dos fiéis, se não se adentrou na

modernidade ocidental pós-cartesiana, ao menos, está sob seu constante embate. Destarte a linguagem da fé torna-se cada vez mais distante do campo das experiências das pessoas.

Uma análise mais matizada talvez distinguisse os espaços experienciais. No campo social, o Cristianismo conseguiu uma linguagem bem condizente com a situação de pobreza e exploração. Daí uma sintonia grande que ele alimentou com a opinião pública, sobretudo nos tempos dos governos militares. A defasagem mostrou-se gritante, porém, na tradução da linguagem do credo, em muitas de suas verdades dogmáticas e especialmente no atinente ao campo da intimidade sexual e familiar. Elaborou-se um discurso predominantemente negativo – dizendo quase sempre “não” a questões que brotavam das transformações na concepção da sexualidade e das relações de intimidade, na experimentação da biogenética. É, sem dúvida, um campo minado, e uma palavra lúcida não é fácil, sem capitular ingenuamente diante de uma modernidade sem peias. Entre o discurso do puro “não” e da cedência permanente, há um espaço de criticidade e abertura. Nesse capítulo, a questão da mulher tornou-se emblemática. Há uma ambigüidade de discurso. O Cristianismo trouxe certamente, no conjunto da história da humanidade, enorme avanço a respeito da dignidade da mulher, mas, nos últimos tempos, na forma católica e de algumas igrejas evangélicas, ele tem-se perdido diante das reivindicações feministas, exigindo autonomia e presença maior nos ministérios e nas decisões.

As Igrejas cristãs em vários países da América Latina mostraram-se valentes na defesa dos direitos humanos dos perseguidos políticos até o heroísmo do martírio, embora tenha havido tristes e vergonhosas exceções. No entanto, a liberalização que se fez simultaneamente ao avassalador triunfo do neoliberalismo sobre o socialismo real, feito aos pedaços, desorientou-lhes o discurso profético. A prática libertadora vem sendo encurtada enquanto se espraiam os sons festivos carismáticos. Mais que solução, vê-se aí um anoitecer da opção evangélica pelos pobres.

Entre os cortes importantes da pós-modernidade estão o cansaço, o desânimo, o conformismo acomodado, a falta de garra. Um adolescente, antes de suicidar-se aos 14 anos, deixou um bilhete: “cansado de viver”. Essa onda abateu-se também sobre os compromissos de fé, sobretudo sobre os militantes de ontem. Muitos mergulharam ou na vida boêmia dos prazeres imediatos, ou se refugiaram nos rincões espiritualistas, ou enfim migraram para os departamentos do status quo.

H. Vaz aponta, como grave sintoma noturno, a decadência da mística cristã para dentro de uma sociedade que lhe canaliza as energias “para o único espaço da vida humana que pode reivindicar a prerrogativa do absoluto: o espaço do produzir, do consumir e do usufruir” (H. Vaz, Experiência mística e filosofia na tradição ocidental, São Paulo: Loyola, 2000, p. 80).

Se a natureza permitisse a inversão da ordem das estações, a imagem do inverno descreve bem esse momento penumbroso da Igreja depois da primavera florida dos anos pós-conciliares. Diferentemente de nosso Continente, em que os invernos são curtos e as primaveras e verões longos, o movimento cálido de esperança suscitada pelo Concílio Vaticano II perdeu logo fôlego. Já pelos anos de 1968 prognosticavam-se os primeiros esfriamentos dos ardores inovadores, para, depois da década de 80, acentuar-se ainda mais a volta, não a uma grande disciplina dos tempos áureos medievais, mas a uma pequena e curta, das épocas dos medos e receios. As luzes das inovações litúrgicas e bíblicas, da participação do leigo, do ecumenismo ousado e a presença de figuras eclesiásticas de primeira grandeza e da plêiade maravilhosa de teólogos da construção do Concílio, em grande parte, foram-se, deixando-nos entregues a uma escuridão medíocre de mentes presas ao imediato das rubricas e dos cânones.

Em resumo, o crepúsculo fez-se noite sob esses diversos aspectos: desfazimento da matriz religiosa deslocada para o mundo das igrejas autônomas, enrijecimento dos ministérios, defasagem da linguagem, distância das experiências das pessoas de hoje, esfriamento do discurso libertador, perda da garra do compromisso, decadência da mística e, finalmente, o enregelamento dos ardores pós-conciliares.

As cidades antigas conheceram os vigias da aurora que anunciavam, com sinais de euforia, o despontar da luz (Is 21, 11). Às vezes, precipitavam-se nos desejos do dia e confundiam alguns sinais luminosos fugazes de relâmpagos perdidos com a consistência da luz solar. Assim vivemos, nesse fim de noite do Cristianismo, experiências que pensam iniciar a novidade do milênio. Falsas auroras.

Aí estão aqueles que acreditam piamente na força evangelizadora de uma mídia colorida, lançando nas antenas de canais ambíguos o arcanum dos mistérios cristãos. Quanto mais audiência ou quanto mais multidões reúnem-se em espetáculos religiosos, mais se espera já estar vivendo nova fase do Cristianismo. Apostam em filmes que explodem em sangue para colocar o mistério redentor nas primeiras páginas de todos os jornais do mundo. A cristologia do homem Jesus parece assaz monótona para sacudir os espíritos. Precisa-se carregar o aspecto impactante das horas finais do sacrifício, ao concentrar-se na dor acusadora de nossas comodidades, culpabilizando-nos pelo mundo. Numa palavra, o virtual desloca o realismo cristão para o mundo das emoções, dos abalos afetivos, da religião do espetáculo. E sentem-se ainda mais atraídos pelo futuro midiático do Cristianismo, quando admiram a igreja eletrônica evangélica norte-americana falar a bilhões de pessoas em seus mega-eventos televisivos. Será uma aurora consistente ou riscos luminosos que cruzam o céu na rapidez da luz que aparece e desaparece?

Em outros laboratórios espirituais, fabrica-se uma quantidade estonteante de novos movimentos religiosos. Em cada canto estão eles, ora sob formas precárias de grupos, em geral de jovens, ora já bem estabilizados em organizações mundiais, que criam comunidades de apoio afetivo e espiritual, assumindo não raro uma evangelização ardorosa e combativa, munida de posições dogmáticas e morais de pura ortodoxia sem preocupar-se com a distância em face da mentalidade moderna e pós-moderna. Fazem questão de confessar uma identidade firme e irredutível diante da fluidez da mentalidade atual, nem arripiam caminho diante das críticas. Marcam a ruptura com o mundo moderno ou mesmo com a prática religiosa anterior como se só então começassem a viver a verdadeira fé cristã. Pensam uma Igreja feita à imagem e semelhança de si, acreditando que aí estão as reservas espirituais para a nova aurora do Cristianismo. Enclausuram o Cristianismo nos recintos mentais e existenciais de seus membros para conservá-lo intocado pelas influências deletérias da cultura presente. Será por aí o caminho do futuro do Cristianismo? Se as estatísticas abonam tal hipótese, o seu reducionismo cristão desautoriza depositar neles a esperança.

Não há noite tão longa que não termine numa verdadeira aurora. E seus sinais estão aí diante dos olhos. K. Rahner, no seu invencível otimismo cristológico, via a graça já inserida de um modo permanente na vida humana a aparecer como realidade historicamente palpável, fundada na carne de Cristo. Ele é a presença histórica real da misericórdia escatologicamente vencedora de Deus, de modo que a graça faz parte como elemento do mundo, da humanidade e de sua própria história (K. Rahner, Kirche und Sakramente, Freiburg: Herder, 1963, p. 14). Onde está atuando essa graça vitoriosa a dar sempre nova vitalidade ao Cristianismo?

Guetter l'aurore (Grasset, 2003) – espreitar a aurora –, escreve J. Delumeau, significa, antes de tudo, reconciliar o Cristianismo e o mundo moderno com a esperança, acreditar no destino divino do homem. Diferentemente das estratégias e expectativas de certos novos movimentos eclesiais, o futuro do Cristianismo dependerá de sua maior ancoragem na modernidade e pós-modernidade. Em vez da distância e da ruptura dos movimentos, a misericórdia e a acolhida samaritana, conjugando a função profética irrenunciável com a proximidade sapiencial.

A modernidade não carrega nem mais nem menos as ambigüidades humanas, próprias “de todos os processos da vida”, em que se misturam “elementos essenciais e existenciais” (Paul Tillich, Théologique Systématique, t. IV, La vie et l'Esprit, Genebra, Labor et Fides, 1991, p. 15). E o olhar do Cristianismo discerne aí o atuar do Espírito divino no espírito humano. Enquanto divino, é a verdade, a beleza, o bem. Enquanto no espírito humano, a possibilidade de engano, de engodo, de traição.

Ser profeta sem ser sábio é ousado e arriscado, e ser sábio sem profetismo pode terminar em pura acomodação e capitulação diante do real existente. O Cristianismo será sábio à medida que se sentar junto ao caminhante de hoje e ouvir-lhe as dores, auscultar-lhe as aspirações, andar-lhe os passos. Antes de ensinar, deve aprender. Antes de querer impor sua maneira de ser, fazer e agir, precisa estudar os trajetos e projetos já existentes e ter a humildade da parceria, da colaboração, sem protagonismos clericais. Um Cristianismo, que durante quase 20 séculos reinou no Ocidente, terá dificuldade de aceitar o papel de coadjuvante em muitas atividades em que outros corpos sociais, embora não inspirados pelo Evangelho, comunguem com os mesmos ideais e princípios cristãos. E o Cristianismo terá sempre uma contribuição original a dar, uma palavra de esperança e amor a proferir. De esperança, porque ele vive do Cristo ressuscitado que venceu definitivamente a morte e para sempre. De amor, porque o Deus cristão é essencialmente amor.

A palavra profética cabe-lhe pela sua identificação com os pobres. Depois de Mateus 25, o Cristianismo não se entende sem a prática da caridade concreta ao faminto, ao sedento, ao desnudo, ao encarcerado, ao enfermo, enfim, ao excluído e marginalizado do Sistema. A teologia da libertação iniciou, na década de 70, uma tarefa profética que continua tão atual como dantes. Se lá os pobres do neocapitalismo eram muitos e sofridos, os perseguidos pelos regimes militares multiplicavam-se, hoje o neoliberalismo aumentou a multidão dos excluídos e dos exilados, refugiados, já não tanto por causa da truculência dos regimes militares, mas pela miséria e pela fome de seus países. Ser profeta dos pobres continua sendo uma tarefa do presente e futuro do Cristianismo.

Quão diferente seria o mundo se não tivesse havido o Cristianismo, perguntou-se H. Maier (Welt ohne Christentum – was wäre anders?, Friburgo: Herder, 1999). E um dos pontos que assinala foi o deslocamento da imagem grega do ser humano kalòs kai agathós para um ser humano desprezível, pobre, humilde, doente, que povoa o Novo Testamento. A Antigüidade grega desconhecia o valor do escravo, do pobre, e para o Cristianismo é o amado e privilegiado de Deus. Que salto no escuro do amor! A sociedade moderna, embora no discurso aceite o valor inalienável de toda pessoa, na prática econômica e social relega o pobre para a sarjeta do sofrimento e da pobreza.

Ao considerar as multidões de nosso Continente a que o Cristianismo é enviado, ao perceber a insuficiência da interpretação secularizante do Cristianismo na modernidade, ousamos pensar que as formas religiosas tradicionais, normalmente chamadas de pré-modernas, não necessitem passar compulsoriamente pelo crivo demolidor da modernidade, mas podem reviver, em pureza e clarioidência, nos tempos atuais. O Cristianismo estaria ao lado do povo simples, defendendo-lhe expressões religiosas que

exprimam a verdade do Deus da revelação, sem que elas sejam encarreiradas para templos neopentecostais, com finalidades ambíguas.

O futuro do Cristianismo joga-se no interior de enorme pluralismo religioso. E a sua resposta só pode vir de um ecumenismo corajoso, primeiro em relação à grande tradição da Reforma por meio de uma comunhão fundamental na Palavra de Deus. Assim somos filhos da mesma Revelação e irmãos da mesma mesa. A obediência necessita ser deslocada do espaço eclesial para o seu sentido primigênio: ob+audire – ouvir a Palavra. Nessa obediência estamos todos unidos, enquanto formas históricas do magistério hierárquico, mesmo na sua expressão suprema do Pontificado romano, necessitam sofrer mudanças, como o próprio João Paulo II auspiciou (Ut unum sint, nn. 88.95s).

Indo mais longe, a abertura necessária espraia-se pelo campo das grandes Tradições religiosas não cristãs com o chamado “diálogo inter-religioso”. E num mundo de diversidades tão agudas a ponto de gerar guerras dolorosas; sem uma paz entre as religiões, não haverá paz mundial. Sem a colaboração das religiões, dificilmente se construirá uma ética global (H. Küng, Uma ética global para a política e a economia mundiais, Petrópolis: Vozes, 1999).

O espaço do Cristianismo da libertação ficou estreito demais com sua concentração no campo sociopolítico e econômico. Embora continue válida essa contradição fundamental, ainda não superada, rompe-se horizonte maior com as questões étnicas e de gênero. O déficit do Cristianismo nesse campo é grande. Tarde descobriu a inumanidade da escravidão. Tarde se está conscientizando da necessidade de nova inculturação no mundo afro e indígena. Predominou uma evangelização de erradicação das culturas nativas e de introjeção da cultura ocidental a cavalo da qual veio o Evangelho. É tempo de ter coragem de aprender do Cristianismo inicial a audácia e a acribia com que ele fez a sua primeira e infelizmente única inculturação no mundo greco-romano. Diante de nós estão os países africanos, a Índia, a China e enormes segmentos da Afro-Índia das Américas, à espera da ousadia inculturadora, sem os medos do sincretismo. Este, enquanto é “um fenômeno temporário e não permanente”, pode levar, dentro do processo de inculturação, o evangelho a real e positiva assimilação pelo organismo unitário da religião (M. de França Miranda, Inculturação da fé. Uma abordagem teológica, São Paulo: Loyola, 2001, p. 120).

O Cristianismo está no crepúsculo noturno ou diurno? Noturno nos seus limites, no esgotamento de formas estritamente ocidentais, dogmáticas e moralizantes, clericais e autoritárias, burocráticas e institucionais especialmente no tipo de ministério, na compreensão da vida cotidiana do fiel. Diurno na gigantesca esperança que lhe lateja em meio aos desafios. Diurno na confiança na graça vitoriosa da bondade de Deus manifestada no homem Jesus que atravessou definitivamente os umbrais escuros da morte

e, vivo, anima toda a humanidade e bafeja o cosmos de desejos de glorificação. Diurno pelo sonho das comunidades eclesiais de base de criarem um novo jeito de ser Igreja e de anunciarem a esperança para toda a humanidade. Fortemente engajadas na transformação da Sociedade e tocadas pelo suave e alegre sopro do clima carismático, vivem uma primavera cristã. Diurno pela crescente consciência dos leigos que já não se contentam com a mediocridade de muitas homilias nem com o catecismo da infância e adolescência, mas se entregam com sacrifício e seriedade ao estudo da teologia e a tarefas no interior das igrejas e na sociedade. Diurno pelo movimento de caminhar junto com todos os corpos sociais que desejem e se empenhem pela paz, pela justiça, por uma sociedade alternativa a essa globalização neoliberal inumana. Enfim, abrem-se para o Cristianismo chances inauditas de futuro na esperança da presença do Espírito. Que nosso espírito tenha a lucidez de perceber a escuridão, as falsas auroras e o despontar radioso do novo a nascer! E, num momento em que recordamos com saudades o Concílio Vaticano II e o Pontífice que o convocou, vem-nos à mente a categoria teológica, ressuscitada por João XXIII, de “sinais dos tempos”. Discerni-los no lusco-fusco do presente permite-nos avançar sem medo, porque o Senhor da História, ele mesmo, semeou nela esses pontos luminosos de esperança.